

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

LICENCIATURA EM FILOSOFIA

ÉRICK PEREIRA DOS SANTOS

**ANÁLISE DO DISCURSO COMO PROCESSO DO SABER NA OBRA A
ARQUEOLOGIA DO SABER EM MICHEL FOUCAULT**

2630
100
522700

TERESINA

2021

ICESPI - BIBLIOTECA	
16.068	27/02/25

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Santos, Érick Pereira dos

S237a Análise do discurso como processo do saber na obra A arqueologia do saber em Michel Foucault. / Érick Pereira dos Santos. - 2021.
54 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Católico de Estudos Superiores - ICESPI, Curso de Licenciatura em Filosofia, Teresina, 2021.

Orientador : Prof. Dr. José Vanderlei Carneiro

1. Discurso 2. arqueologia 3. saber 4. Michel Foucault I.Título.

CDD – 100

Elaborado por Ana Paula Ribeiro da Silva CRB- 3/1704

ÉRICK PEREIRA DOS SANTOS

**A ANÁLISE DO DISCURSO COMO PROCESSO DO SABER NA OBRA A
ARQUEOLOGIA DO SABER EM MICHEL FOUCAULT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Instituição de Ensino Superior do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, como parte das exigências necessárias para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Filosofia. Orientador: Prof. Dr. José Vanderlei Carneiro

TERESINA

2021

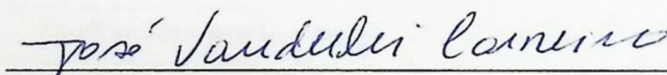
ÉRICK PEREIRA DOS SANTOS

**A ANÁLISE DO DISCURSO COMO PROCESSO DO SABER NA OBRA A
ARQUEOLOGIA DO SABER EM MICHEL FOUCAULT**

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Licenciatura em Filosofia

Data de aprovação: ____ de _____ de 2021



Prof. Dr. José Vanderlei Carneiro

Orientador

Prof. Me. Pe. Francidilson Silva do Nascimento

Primeiro Examinador

Prof. Me. Antônio Danilo Bastos

Segundo Examinador

Dedico este trabalho monográfico ao meu Deus que me criou, e intrinsecamente ei de agradecer a minha mãe Virgem Aparecida, a meu anjo da guarda que me acompanhou nesta batalha.

À minha família, em especial minha mãe Maria do Livramento Pereira, meu pai Evaldo Santos de Oliveira, a minha avó Francinete Santos, a meus irmãos Liliane Pereira e Railson Pereira que são meus tesouros aqui na terra.

Em memória a Dom Miguel Fenelon Câmara, a Dom Celso José Pinto, a padre Raimundo José Airemoraes, à minha tia Maria dos Remédios Araújo, ao meu tio Edmilson Santos, ao meu primo Tiago Araújo Pereira e a todas as vítimas da COVID-19 – pessoas estas que marcaram minha vida mesmo indiretamente.

Dedico também aos meus queridos amigos: Bruno Soares, Mateus Barros, Matheus Soares, Jefferson Thomas, José Tenório, Renato de Freitas, Israel Ferreira, Pedro Dannte e Erasmo Nery que são mais que amigos, mais que irmão, pois somos uma família – agradeço bastante pela força presta neste tempo.

Dedico aos irmãos na fé: Pe. Amarildo Pontes, Pe. Antônio Carlos Nogueira de Carvalho, ao Pe. Antônio Evandro Barros, ao Pe. Ângelo José, ao Pe. Gilberto Freitas, ao Pe. Klebert Vianna, ao Pe. José Alves, ao frei Almir e ao frei Nivaldo que são amigos e como pais para mim.

Dedico ao povo que me acolheu nas missões realizadas até este momento, e dedico aos meus irmãos da Casa da Filosofia do primeiro e segundo ano, e digo: Vocês também conseguem!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu bom Deus que me conduziu até este momento e a Santa Mãe Maria que intercede a Jesus por mim, e a meu anjo da guarda.

Agradeço a Arquidiocese de Teresina na pessoa do Excelentíssimo e Reverendíssimo Dom Jacinto Furtado de Brito Sobrinho que confia nas vocações sacerdotais e por seu carinho de pai e de pastor. Grato estou!

Ao projeto Terra Sacerdotal na pessoa do Pe. Rubens Chaves, agradeço a cada benfeitor (a) que fizeram acontecer, doando o pouquinho que tem para cuidar das vocações sacerdotais, ao mesmo tempo em que agradeço o povo que se disponibilizou para nos acolher nas missões pastorais.

A toda equipe formativa da Casa Dom Edilberto Dinkelborg, na pessoa dos senhores formadores, Pe. Antônio Soares, Pe. Anderson Fábio e ao Pe. Willian Vasconcelos que se empenham a cada dia em exercer com amor a sua missão.

Ao ICESPI, na pessoa do coordenador de curso Pe. Clodomiro; agradeço ao meu orientador professor Dr. José Vanderlei Carneiro, por mostrar-me luzes quando só existia escuridão, pela paciência e por ser este homem preciso e claro nas orientações.

Aos meus irmãos de turma, em especial, Bruno Soares, Matheus Soares, Jefferson Thomas, Eduardo Monteiro, Carlos Henrique, Robert Gabriel dos Reis Santos, Guilherme Ferreira, Elton da Silva e Tércio Araújo, por estarmos no mesmo barco e assim nos ajudarmos no que for preciso.

Aos meus irmãos que estiveram próximo de mim durante este período de pesquisa, ao Mateus Vieira e Luiz Henrique que me apoiaram nos momentos de dificuldade, grato estou por serem estes irmãos na fé.

No mais, sou grato por cada um que participa da missão que me foi confiada. Reconheço-me falho e sei que tenho muito chão pela frente, então o que me resta é acreditar e dar o primeiro passo.

RESUMO

Este trabalho tem como obra base *A arqueologia do saber* (1969); esta obra tem como princípio as formações discursivas, que aborda a análise central os enunciados presentes nos diversos aspectos de sua arqueologia. Portanto, são analisadas as etapas de elisão enunciativa e as formações discursivas como meio para chegar aos discursos e o saber arqueológico. Nestes aspectos, será abordado o que Michel Foucault descreveu na obra e os principais pontos trabalhados neste método arqueológico, que contempla os saberes, e que possivelmente aborda uma análise do saber (arqueologia) que possivelmente retrata o poder (genealogia), isso intercambiado através do discurso.

Palavras-chave: Discurso; enunciado; arqueologia; acontecimento; saber.

RESUMÉ

Ce travail est basé sur l'archéologie de la connaissance (1969); cet ouvrage a pour principe les formations discursives, qui abordent l'analyse centrale des énoncés présents dans les divers aspects de son archéologie. Par conséquent, les étapes de l'élimination de l'énonciation sont analysées, et les formations discursives comme moyen d'accéder aux discours et aux connaissances archéologiques. Dans ces aspects, il sera discuté ce que Michel Foucault a décrit dans l'ouvrage et les principaux points travaillés dans cette méthode archéologique, qui inclut la connaissance, et qui aborde éventuellement une analyse de la connaissance (archéologie) qui met éventuellement en scène le pouvoir (généalogie), qui est échangé à travers le discours.

MOTS-CLÉ: Discours; énonciation; archéologie; événement; savoir.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REGULARIDADE DISCURSIVA NA FORMAÇÃO DAS IDEIAS	11
2.1 O Discurso	11
2.2 Signos – Sinais	14
2.3 Enunciados – Discurso	16
2.3.1 Enunciados – proposições	17
2.3.2 Enunciados – frase	18
2.3.3 Enunciados - ato de fala	19
2.4 Enunciados e suas articulações	21
3 CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO DISCURSIVA PARA O SABER	25
3.1 Performance verbal - enunciados e discurso.....	25
3.1.1 Performance verbal – o dito	27
3.1.2 Enunciado – linguagem	28
3.2 Formação discursiva e o problema do enunciado	30
3.3 Formação discursiva e os níveis de saberes possíveis	31
3.4 O não-discurso e os acontecimentos discursivos	34
3.5 Positividade Histórica e o arquivo	36
4 O PROCESSO ARQUEOLÓGICO DO SABER	38
4.1 A arqueologia e a contra história	38
4.2 A descrição arqueológica do saber	40
4.3 A arqueologia e a performance discursiva	42
4.4 A arqueologia e o tempo	44
4.5 A arqueologia e os conflitos dos saberes	47
4.5.1 A arqueologia e o saber	47
4.5.2 A arqueologia e o poder	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

O tema a ser discutido nesta pesquisa versa em torno da perspectiva que constitui a filosofia Arqueológica discursiva de Michel Foucault no que condiz a relação entre as análises enunciativas, as formações discursivas, a perspectiva arqueológica do saber, as condições referenciais do saber e como através do discurso o saber se manifesta na sociedade. Tem por objetivo identificar os enunciados e as performances discursivas na sociedade, visando o alcance do saber nos diversos âmbitos discursivos arqueológico, e que analisado as performances discursivas não somente encontre o saber difundido, mas o poder. A ideia geral é de percorrer as áreas da filosofia da linguagem até chegar ao pensamento foucaultiano sobre o método arqueológico, mas visando a compreensão do seria o discurso para Foucault. Como obra principal irei utilizar *A arqueologia do saber* (1969), de Michel Foucault, bem como outras obras de sua autoria, além de comentadores e outros materiais que irão ajudar na complementação desta pesquisa.

O principal meio para essa pesquisa se dá pela análise enunciativa e pela formação discursiva proposta por Michel Foucault, na qual essa abordagem se dar por uma contra história, por isso, o pensamento foucaultiano se desenvolve a partir de uma análise do ato de existência dos enunciados e do que se refere a formação discursiva. Assim, a perspectiva de Foucault é de criar um método que seja usado e analisado ao decorrer do período ou da época sem macular o discurso produzido.

O pensamento se dar pela compreensão de três pontos, sendo o primeiro identificar as regularidades discursivas na formação das ideias. A discursão se dar, a partir da compreensão do pensamento dos filósofos da linguagem e a nova visão que Foucault denota através de seus escritos, assim ilustra uma visão que é contrário e distintas de uma filosofia científicada, uma filosofia que parte do conceito dos enunciados.

No segundo momento da pesquisa nos detemos em analisar o processo da formação discursiva. De tal forma, analisaremos os enunciados que estão presentes nas formações discursivas, assim poderemos analisar este campo do saber através da referência do discurso. Por fim, no terceiro momento iremos tratar do processo arqueológico do saber. Nessa perspectiva, analisaremos as performances discursivas e o seu manejo, e nos propões a identificar os saberes e que evidencia o poder através do discurso. A partir desta análise, podemos aplicar o método arqueológico analisando os discursos institucionais que são aplicados na sociedade constantemente.

A pesquisa se concentrará em um único ponto, não o de dar uma resposta definitiva ao que se refere a arqueologia ou ao que Foucault define como discurso, mas a partir desta pesquisa e dos estudos abordar de forma ampla e direta o que podemos definir como enunciado – discurso – arqueologia, visando os saberes e as relações de poder na sociedade.

2 REGULARIDADES DISCURSIVAS NA FORMAÇÃO DAS IDEIAS

As regularidades discursivas têm uma característica singular na reprodução das ideias, pois o campo do saber tem meios peculiares e necessários para formação e organização adequada na produção das ideias. A partir desta linha de pensamento, o pensador Francês Michel Foucault desenvolve uma filosofia, dentro do viés discurso, na qual possibilita o surgimento do saber através de sua arqueologia, por isso, a principal motivação que levou Foucault a escrever esta obra, foi a necessidade de uma análise do saber em investigação do discurso e as variadas manifestações de aparição do enunciado; portanto, e antes da publicação da obra *A arqueologia do saber* de 1969, foi necessário três obras que antecederam está, ambas com um viés arqueológico, a primeira obra foi *História da Loucura* (1961), em seguida *O nascimento da Clínica* (1963) e por fim *As palavras e as coisas* (1966). Por fim, a obra de 1969, tem um viés voltado ao domínio discursivo, estabelecendo o domínio da temporalidade e dos acontecimentos, visando uma descontinuidade no campo dos saberes que são subalterno a história.

2.1 O Discurso

Quando o assunto está dentro do campo do discurso, a priori pensamos em uma análise da linguagem de forma complexa e sistemática da linguagem, Foucault se distancia deste pensamento que cientifica a linguagem para o patamar de uma verdade irrefutável, de tal forma a analisar, o pensamento de Foucault sobre o discurso toma um viés arqueológico, tendo assim um conceito de descontinuidade, que meramente perpassa o traçado discursivo da linguagem ou necessariamente o da história, não necessariamente adentrando na linguagem e sim no campo discursivo. O discurso tem uma análise que envolve o conhecimento, analisando e transmitindo de forma clara e precisa o recorte histórico.

Foucault tem uma abordagem diferente no que enxergamos como analítica e o pragmatismo, destacando assim esses meios como algo que não tem uma eficácia na atualidade e dentro do campo discursivo, porém, Foucault não é excludente ao pensamento da linguagem, o que podemos identificar como jogos de linguagem ou uma forma pragmática de identificar a verdade dentro do campo da gramática e proposições lógicas. De tal forma, o pensamento foucaultiano é distinto, pois o discurso não é dado semelhantemente como os princípios linguísticos, que precisamente deseja se aproximar

da ciência metodológica e que os signos sejam veridicamente analisados e palpados dentro de um texto, vindo de uma análise pragmática ou de um jogo de linguagem. O discurso é exatamente um veículo primeiro que vai justificar a existência dos saberes sem buscar a ambiciosa verdade imutável, ou podemos analisar como um algo que busque sequiosamente sobre uma verdade. Portanto, chega-se à conclusão que o método arqueológico do discurso não precisa literalmente de uma análise científica.

Ao conceber a linguagem como como lugar de constituição do sujeito e o discurso como uma prática, não se limita a uma função unicamente designadora, restrita àquilo que as regras linguísticas proporcionam, pois a linguagem funciona como veículo e alvo de relações complexas de saber e poder na chamada “sociedade disciplinar” [...] Em outras palavras, as análises que dão conta dos aspectos psicológicos de intenções pessoal, dos aspectos lógicos responsáveis pela forma analisável das proposições, e das regras gramaticais responsáveis pela a produção de frases de acordo com a sintaxe e a semântica são todas análises pertinentes, tem seu próprio campo de estudo. Porém, segundo Foucault, todas essas áreas passam a valer efetivamente apenas ao serem atravessadas pela função discursiva (ARAÚJO, 2004 p. 204).

Percebe-se que a nova epistemologia afetou e provocou mudanças, principalmente no campo da linguagem e da lógica. O Círculo de Viena teve seu peso e desestabilizou os critérios que julgava uma linguagem lógica e adaptável para a sólida ciência, demarcando assim um traçado que permitiu uma reviravolta no contexto da linguagem, tomando outro viés, regressando assim a filosofia como campo. Foucault, toma parte neste desafio da linguagem, pois o campo que o discurso é envolvido, é considerado vasto, porém, está gama de saberes linguísticos está ligada precisamente no campo do discurso e não o discurso nos campos da linguagem, pois onde habita a predominância epistêmica o discurso servira como canal para os vários campos do saber. Assim comenta Reale e Antiseri sobre os epistemas interpretados por Foucault:

Diz Foucault: “Quando falo de ‘epistemas’, entendo todas as relações que existiram em certa época entre os vários campos da ciência. Penso, por exemplo, no fato de que, a certo ponto, a matemática foi utilizada para pesquisas o campo da física, de que a linguística, ou melhor (...), a semiologia, a ciência dos sinais, foi utilizado pela biologia (para as mensagens genéticas), de que a teoria da evolução pôde ser utilizada ou servir de modelo para os historiadores, psicólogos e os sociólogos do século XIX. Todos esses são fenômenos de relações entre as ciências ou entre os vários ‘discursos’ nos vários setores científicos que constituem o que eu chamo ‘epistemas’ de uma época”. E Foucault chamou a ciência que estuda tais discursos e tais *epistemas* de *arqueologia de saber*. E essa ciência “arqueológica” mostra exatamente

que não há qualquer progresso na história e que não existe aquela continuidade de que se orgulha todo historicismo. O que a arqueologia do saber mostra é uma sucessão descontínua de *epistemas*, com a afirmação e a decadência de *epistemas* em uma história sem sentido (REALE; ANTISERI, 2007, p. 950).

No entanto é nítido reconhecer que o inteligível ou o abstrato – saberes, juízos, sentimentos, inteligências - só ganha forma quando passa pelo campo discursivo. Mas, só pode haver esta afirmação se o campo discursivo ganhar forma, se o ambiente espaço tempo existir, e através deste intervalo de tempo o entre 1, 2, 3, 4... o discurso ganhe escopo.

Um conjunto finito de regras que autoriza um número infinito de desempenhos. O campo dos acontecimentos discursivos, em compensação, o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas... não se busca, sob o que está manifesto, a conversa *semi-silenciosa* de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. Por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas consequências, por mais facilmente esquecido que possa ser após a sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a linguagem nem o sentido podem esgotar inteiramente (FOUCAULT, 2008, p. 30).

Foucault tem uma forma de abordagem inovadora, que é o método arqueológico, que é aplicado nos acontecimentos discursivos ocorrido no espaço tempo. Porém, este método arqueológico não é desenvolvido como um *sintagma*, que precede uma ordem cronológica da história relacionando acontecimento X com acontecimento Y. No entanto, o processo arqueológico que Foucault desenvolve é o de desvelar o saber e trazê-lo para um período sem danificá-lo. O pensamento foucaultiano, revela-se quase que semelhante com a profissão do arqueólogo, portando, é de suma valia saber que Foucault trabalha com as formas de saberes discursivo e do sujeito de forma límpida. “Foucault, sempre que se concebe o sujeito como *cogito*, ao estilo cartesiano, concebe-se também a linguagem como algo transparente, subproduto do pensamento.” (ARAÚJO, 2004, p. 208) Portanto, não é possível chegar aos conceitos se o mundo é banhado em um solipsismo, que pressupõe e reduz as coisas a um vazio, inerte e velado, mas existente.

O termo “arqueologia” aparece três vezes nos títulos da obra de Foucault – Nascimento da Clínica. Uma arqueologia do olhar médico (1963), As

palavras e as coisas. Uma Arqueologia das Ciências Humanas (1966) e A Arqueologia do Saber (1969) – e caracteriza até os anos 70 o método da pesquisa do filósofo. Uma arqueologia não é uma “história” na medida em que, como se trata um campo histórico. Foucault opera com diferentes dimensões (filosófico, econômico, científica, política etc.) a fim de obter as condições de emergência dos discursos de saber de uma dada época. Ao invés de estudar a história das ideias em sua evolução, ele se concentra sobre recortes históricos precisos – em particular, a idade clássica e o início do século XIX –, a fim de descrever [...] uma configuração epistêmica coerente (REVEL, 2005, p. 16).

A análise arqueológica do discurso tem esse poder de fazer resgatar um saber soterrado, assimilando-se com o processo de escavação arqueológico. O método arqueológico elaborado por Foucault tem esse viés de busca e resgate histórico, conhecido também como recorte histórico dos saberes, sendo o discurso o principal veículo para o saber.

2.2 Signos – Sinais

No desenvolvimento da filosofia foucaultiana sobre o método discursivo é de grande relevância tomar por início um dos principais conceitos filosóficos que permite o desenvolvimento deste método filosófico que no decorrer do período histórico, os filósofos da linguagem desenvolveram meios a chegarem a ao elemento da *arché* da linguagem: o signo.

Pensadores determinaram a linguagem de diversa maneira, por exemplo Quine entendia a linguagem como o nominalismo, na qual julgava que o conceito era variado de um nome acompanhado de uma imagem individual; Port-Royal teve sua colaboração no que diz a gramática, e definiu a linguagem como um sistema de signos, imbuído de toda uma ideia de lógica e juízo; para Locke, a linguagem é considerada sons que são sinais de ideias, mas, essas ideias só podem ser expressas para outro que tenha um número adquirido de conhecimento já adquirido, considerando que ele defende que a mente é uma *tabula rasa*; já Hobbes enxerga a linguagem como coisas nomeadas, e os critérios de veracidade são atribuída a linguagem.

Desta forma, segue que os signos têm um papel importante de dar nome e significado às coisas, e tem como princípio os meios para chegar a uma conclusão *a priori* de algum objeto já conhecido ou imaginado só pelo fato de usar a imagem mental já conhecida do objeto. De acordo com os filósofos da linguagem, a função do signo tem

um papel importante de força motriz na sociedade, como os símbolos, o significado, as referências, o som, o juízo e a lógica.

No entanto, pode-se dizer que há um entendimento comum em relação ao modo de ser geral do signo, que é apontado, comumente, como aquilo que pomos no lugar de outra coisa, que representa algo que não é ele, mas outro. O lugar-comum da noção de signo está intrinsecamente associado à ideia de que ele é tudo o que nos remete a alguma coisa, ou seja, a que recorremos para representar, lembrar, referir-se e anunciar algo. Por isso podemos dizer que o signo é algo que põe no lugar do outro, e cujo ser seria um tipo que não é o que anuncia, refere-se, lembra, representa. É precisamente, esse modo de existir que torna qualquer coisa possível de se torna um signo. Assim, a possibilidade de algo não ser a coisa a qual se refere, mas de lembrá-la faz dele signo. Nessa perspectiva, o signo é sempre signo de algo, que não é nem pode ser signo de si, e cuja existência depende de outra coisa, sem a qual ele não existiria, não teria condição de aparecer como signo. (CARLOS, 2017, p. 180)

Este sinal entende-se como a ligação espaço tempo e a experiência tida simultaneamente, certifica-se que o presente acontecimento necessariamente passa por um dado momento na história, principalmente quando relacionado ao saber. O sinal está relacionado diretamente com a vida e a morte, com efeitos que a natureza permite experimentar simultaneamente as sessões de identificar a matéria e a capacidade de ter entre duas coisas a identificação *a priori*, por isso afirma-se que os sinais estão marcados na natureza. Como exemplo: ao ver uma nuvem negra se aproximando, indica uma tempestade, ou quando se aproxima na região nordeste os meses de setembro, outubro, novembro e dezembro, já entendemos que será um período quente do ano.

Pode-se colocar que os signos têm sua complementaridade dentro do espaço tempo, pois assume um papel preponderante no campo dos acontecimentos, quando relacionamos coisa e objetos, chega a uma conclusão de análise representativa que não pertence somente ao campo discursivo, pois estes objetos estão dentro do campo das coisas, posta por Foucault:

Gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o entrelaçamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão forte entre as palavras e as coisas, e destaca-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos. “As palavras e as coisas” é o título – sério – de um problema;

é o título – irônico – do trabalho que lhe modifica a forma, lhe desloca os dados e revela, afinal de contas, uma tarefa inteiramente diferente, eu consisto em não mais tratar dos discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como prática que formam sistematicamente os objetos que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar estes signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2008, p. 54-55)

Como já se entende, o signo como uma forma descrita de algo conhecido não se concretiza no espaço presente, exemplificar podemos verificar a palavra “laranja”, que, ao escutar ou ler este signo, permite-se entender a escrita e possibilita a visualização mental da laranja. Porém, omite o gosto e o cheiro da laranja. Portanto, pode-se dizer que o signo faz lembrar algo ou se refere a algo, e nunca a si mesmo, logo, a importância da referência como meio adequado para desenvolver a formação discursiva tem sua relevância dentro do pensamento de Foucault, de tal forma, denota-se que os elementos extralinguísticos têm sua validade dentro do método arqueológico discursivo em Foucault.

2.3 Enunciados – Discurso

Neste ponto, será trabalhada a questão do enunciado, pois ao decorrer deste assunto facilitará o pensamento de Foucault em relação ao método arqueológico, o enunciado tem esse meio de definir e formar o saber conjuntamente com formação discursiva. O enunciado tem um papel semelhante ao do signo, e desta forma o papel do enunciado não se assemelha com as preposições, com as falas ou frases. Foucault, em sua obra *Arqueologia do Saber* emite em primeira instância o procedimento que a obra filosófica irá retomar, ou seja, a relação entre os saberes que exige uma base metodológica rigorosa e precisa, quanto relacionada a instância da veracidade do método abordado. A abordagem que é tratada em sua obra, origina-se em um conteúdo muito mais de caráter filosófico do que de caráter científico, portanto, cabe dizer como base desse método filosófico, o enunciado permite que trilhe o caminho metodológico das ciências. Portanto, de forma bem integral podemos definir que o enunciado é aquilo que dar possibilidade de existência para os atos de fala, preposições, preces ou frases.

Eis, portanto, a tarefa atual: retomar em sua raiz a definição do enunciado e ver se ela é efetivamente empregada nas descrições anteriores; ver se é mesmo do enunciado que se trata na análise das formações discursivas. Repetidas vezes usei o termo “enunciado”, seja para falar (como se se tratasse de indivíduos ou acontecimentos singulares) de uma “população de enunciados” seja para opô-lo (como a parte se distingue de todo) aos conjuntos que seriam os “discursos”. À primeira vista, o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível a ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície, mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de agrupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso (FOUCAULT, 2008, p. 90).

Com base nesta citação, só constata que a estrutura discursiva ganha forma com a presença do enunciado como elemento chave para a formação discursiva. Por este motivo, a arqueologia precisa de análise de discurso, que tem como teoria o próprio enunciado. Pois na obra *A arqueologia do Saber* precisa de uma análise preponderante, que possa ter uma alusão desta teoria enunciativa.

2.3.1 Enunciados – proposições

As articulações de uma preposição são derivadas de um cunho gramatical e lógico, destaca-o Port.-Royal, pois este concebia as preposições como uma fórmula argumentativa para identificar o quanto um conhecimento é falso ou verdadeiro, contraditório ou coerente, aproximado ou definido. Pois, ao firmar que o enunciado não se caracteriza pelo involucro da ciência.

Se o enunciado é a unidade elementar do discurso, em que consiste? Quais são os seus traços distintivos? Que limite devemos nele reconhecer? Essa unidade é ou não idêntica à que os lógicos designaram pelo termo proposição, à que os lógicos designaram pelo termo proposição, à que os gramáticos caracterizaram como frase, ou, ainda, à que os “analistas” tentam demarcar sob o título *speech act*? Que ocupa entre todas as unidades já descobertas pela investigação da linguagem, mas cuja teoria, muito frequentemente, está longe de ser acabada, tão difíceis os problemas que colocam, penoso, em muitos casos, delimitá-las de forma rigorosa? (FOUCAULT, 2008, p. 91)

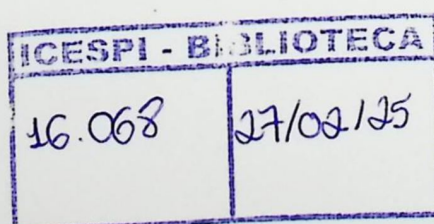
Foucault busca uma forma de tornar o conceito de enunciado singular, que faz um processo circular dentro de si mesmo de si mesmo. Portanto, podemos considerar que preposições não são enunciadas; por exemplo, “ninguém ouviu” e “é verdade que

ninguém ouviu”, Foucault exemplifica este caso usando esta duas proposições, onde a primeira pode ser aplicada no início de um romance, expressando assim medo, espanto e se pode ser considerada, ou expressada como expressão em alto e expressivo tom vocal, podendo assim também ser considerado um vocativo, ou uma indicação ou um aviso; e, pressupondo que em seguida a próxima frase “é verdade que ninguém ouviu”, pode ser considera um sussurro, um pensamento mudo indicado pelo o autor da proposição (FOUCAULT, 2008, p. 91). Neste caso, o enunciado não depende das proposições para obter o grau de existência. Outra explicação seria que os enunciados encontrados nessa proposição não são considerados semelhantes ou iguais, a lógica aplicada no âmbito das proposições não pode considerar ambas as proposições distintas, mas sim semelhantes. Neste caso, proposições não são considerados enunciado.

2.3.2 Enunciados – frase

Quanto às frases, será que as elas não podem entrar neste campo do enunciado? Ou melhor, por qual motivo as frases não são definidas como o enunciado? Existe um motivo substancial que as frases não podem enveredar pelo mesmo caminho que o enunciado, pois os enunciados não são somente frases, ou melhor, os enunciados não são encontrados, si e somente si, em uma frase. Na obra *A arqueologia do saber*, Foucault exemplifica e define o motivo pelo qual o enunciado não é formado necessariamente por frases.

Com uma definição tão vasta – e em um sentido, tão laxista – da frase, não ver como reconhecer frases que não sejam enunciados, ou enunciados que não sejam frases. Entretanto, a equivalência está longe de ser total, e é relativamente fácil citar enunciados que não correspondem à estrutura linguística das frases. Quando encontramos em uma gramática latina uma serie de palavras dispostas em coluna - *amo, amas, amat* -, não lidamos com uma frase, mas com um enunciado das diferentes flexões pessoais do indicativo presente do verbo *amare*. Talvez se ache o exemplo discutível; [...] de qualquer forma outros exemplos são menos ambíguos: um quadro classificatório das espécies botânicas é constituído de enunciados, não de frases (*Genera plantarum* de Lineu é um livro inteiramente constituído de enunciados, em que não podemos reconhecer mais do que um número restrito de frases); uma árvore genealógica, um livro contábil, as estimativas de um balanço comercial, são enunciados: onde estão as frases? Pode-se ir mais longe: uma equação de enésimo grau ou a forma algébrica da lei da refração devem ser consideradas como enunciados; e se possui uma gramaticalidade muito rigorosa (já que são compostas de símbolos cujo sentido é determinado por regras de uso pela sucessão regida por leis



de construção), não se trata dos mesmos critérios que permitem, em uma língua natural definir uma frase aceitável ou interpretável. [...] voltemos ainda ao exemplo: o teclado de uma máquina de escrever não é um enunciado; mas a mesma série de letras – A, Z, E, R, T-, enumerada em um manual de datilografia, é o enunciado da ordem alfabética adotada pelas máquinas francesas. [...] Não parece possível, assim, definir um enunciado pelos caracteres gramaticais de uma frase (FOUCAULT, 2008, p. 92- 93).

Desta forma, chega-se à conclusão de que o enunciado e a frase são considerados distintos levando em conta a singularidade de ambos. Assim, denota-se que é irrelevante ou impossível ater-se a esta hipótese.

2.3.3 Enunciados - ato de fala

Após a análise das frases em relação ao enunciado, chegamos ao terceiro ponto, o ato de linguagem. Pois, considera-se que o enunciado não se encontra nas proposições e nem nas frases, de forma interina. Aqui é trabalhado o ato de linguagem, ou melhor, *speech act* (pronúncia utilizada pelos analistas ingleses Strawson, Austin e Searle, ambos da Escola Analítica Inglesa; a princípio, Austin que defende a noção de ato ilocucionário).

Considerando este ato de fala, o enunciado não se relaciona ao ato de fala, pois o enunciado não está no mesmo nível de existência do ato de fala, considerando que embora esteja presente tanto nas frases, nas proposições e nos *speeches acts*; os enunciados não se resumem ao nível restrito do ato de falar. Assim, Foucault analisa o enunciado como uma estrutura simples, uma estrutura sutil e sem tantas determinações.

Encontramos enunciados sem estrutura proposicional legítima; encontramos enunciados onde não pode reconhecer nenhuma das frases; encontramos mais enunciados do que os *speech acts* que podemos isolar, como se o enunciado fosse mais tênue, menos carregado de determinações, menos fortemente estruturado, mais onipresente, também, que todas essas figuras; como se seus caracteres fossem em número menor e menos difíceis de serem reunidos; mas como se, por isso mesmo, ele recusasse toda possibilidade de descrição (FOUCAULT, 2008, p. 95).

Com essa análise dos atos de fala em relação ao enunciado, é verídico determinar que os enunciados têm uma lógica mais livre, desprendido de determinações, vinculando uma forma diferente de manejo, quando elucidada o conceito aplicado no espaço tempo, o

enunciado tem uma forma de manejo limitada, porém, tem um alcance formidável, considerado quase que onipresente no espaço das coisas.

Foucault relaciona o enunciado e o signos, pois “o limiar do enunciado seria o limiar da existência do signo” (FOUCAULT, 2008 p. 95), considerando que o limite do enunciado é o limite do signo. De certa forma podemos analisar que a própria existência do signo precisa ser elucidada e, carregando dentro deste bojo, podemos analisar que o enunciado é a causa primitiva para a existência da língua. Foucault também acentua que “o enunciado e a língua não estão no mesmo nível de existência; e não podemos dizer que há enunciado assim como dizemos que há línguas” (FOUCAULT, 2008, p. 98).

[...] trata-se, antes, de uma função que exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, se elas estão aí presentes ou não. O enunciado não é pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que a regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT, 2008, p. 98).

Considerando esta ideia, o enunciado desempenha um papel importante no campo do saber e no método discursivo que Foucault trata em sua obra *A arqueologia do saber*, e por este motivo, a relação de existência do enunciado possui esta capacidade de exercer uma função primaz, quando relaciona o campo do saber arqueológico e o método arqueológico em si. É visto como necessário a elucidação do enunciado, para prosseguir a linha de pensamento arqueológico de Foucault. Desta forma, analisamos que o constructo de enunciado está introjetado no campo da lógica, da gramática e da linguagem. Portanto, a ideia que o enunciado estabelece, é esta ideia de dar ao signo a existência, entendendo como uma força que estabelece uma via segura de acesso entre as estruturas epistêmicas e o sujeito que analisa, mas, não basicamente entre estas duas coisas, o espaço e o tempo se envolvem neste campo enunciativo, visando um meio de existência; o enunciado tem esse acesso em iniciar o que está iniciando. Para a análise discursiva, é de grande valia a compreensão do enunciado.

2.4 Enunciados e suas articulações

Neste tópico, o enunciado desempenha um papel eclético nas articulações de existência. Entende-se que, o enunciado tem várias formas de manifestação, por esse motivo, consta a relação do enunciado com: o domínio de objeto, a relação com o sujeito, a relação com outros enunciados e a relação com a materialidade. Ao decorrer destes tópicos, será feita as análises destes pontos colocados como articulação enunciativa.

É de grande importância a definição do enunciado para compreender sobre a constituição do saber na *A arqueologia do Saber*, por este motivo o enunciado também tem relação aos objetos designados por Foucault uma vez determinado, que nos interstícios dos objetos o enunciado está presente. Por este motivo, “a presença de correlatos e sua definição ajudará a compreender e a identificar o enunciado. Nestas articulações enunciativas, encontra-se correlatos que são simplesmente ‘coisa’, ‘fatos’, ‘realidades’ ou ‘seres’” (FOUCAULT, 2008, p. 103). Portanto, a definição integrada por Foucault sobre correlato, é o termo referencial.

A descrição entre enunciado e o seu referencial não pode ser feita por uma análise lógica, nem por análise semântica ou sintática, tampouco por uma verificação científica ou psicológica. Isso porque todas essas disciplinas analisariam o enunciado do seu “exterior”, impondo-o categorizações e estruturas que não se encontram no próximo nível enunciativo, desprezando, assim, as relações entre o enunciado e os espaços de diferenciação que só ele os faz aparecer (PERECINI, 2015, p. 142).

Motivo da impossibilidade, da incapacidade de uma análise lógica, uma análise da semântica ou sintática. Quando a análise do enunciado vem do pressuposto do domínio do objeto, a descrição não pode ser analisada em uma proposição por exemplo, pois a existência do enunciado relacionando ao referencial se identifica em um caráter externo do ser, os denominados correlatos (coisa, fato, realidade ou seres), porque o enunciado não está relacionado ao sintagma, ou uma série de símbolos, o mesmo vai muito mais além dos domínios de possibilidades, podemos considerar que ele é livre no que condiz a uma definição de uma proposição, podendo receber ou não um valor de verdade.

O correlato do enunciado não tampouco um estado de coisa ou uma relação suscetível de verificar a proposição [...] em compensação, o que se pode definir como correlato do enunciado é um conjunto de domínios

em que tais objetos podem aparecer e em que tais relações podem ser assinaladas (FOUCAULT, 2008, p.102).

Em sequência, Foucault trata sobre a relação do enunciado e o sujeito, pois, como necessariamente a relação de identificação do enunciado parte do pressuposto de um sujeito, é analisado as possibilidades que determina até onde o sujeito pode conceber esse grau de enunciado. Foucault também explicita sobre a existência do sujeito em relação ao enunciado.

Não é preciso, na verdade, reduzir o sujeito do enunciado aos elementos gramaticais de primeira pessoa que estão presentes no interior da frase: inicialmente, porque o sujeito do enunciado não está dentro do sintagma linguístico, em seguida, porque um enunciado que não comporta primeira pessoa tem, ainda sim, um sujeito (FOUCAULT, 2008, p. 104).

Segue-se com a afirmação de que há uma dissociação entre o emissor do signo e o sujeito de um enunciado.

Em segundo lugar, o enunciado se distingue de uma série qualquer de elementos linguísticos porque mantém com um sujeito relações determinadas que devemos discriminar. Quem é o sujeito do enunciado? Duas hipóteses são levantadas por Foucault: Seriam os elementos gramaticais de primeira pessoa que estão presentes no interior da frase? Não. Reduzir o sujeito ao enunciado aos elementos gramaticais de primeira pessoa tornar-se muito restrito, posto que um enunciado que não comporta primeira pessoa tem um sujeito, seja ele oculto, composto ou de outro modo (PERECINI, 2015, p. 142).

Também é considerável afirmar que em um enunciado a existência ou a variação do sujeito se torna possível na análise da estrutura enunciativa. Podemos exemplificar quando Foucault faz a consideração sobre o tratado de matemática para ilustrar a função determinada, vazia e variável do sujeito do enunciado.

Dados que o sujeito do enunciado é uma função determinada, vazia e variável, a condição para que uma proposição, frase ou até mesmo um conjunto de signos possam ser intitulados enunciados não se deve ao fato de que alguém, em dado tempo e espaço, os tenha proferido. Descrever o sujeito do enunciado arqueologicamente, à luz do pensamento foucaultiano, “não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser sujeito” (PERECINI, 2015, p. 144).

Essas considerações que Perecini abordou é de precisa acentuação quando estabelece o enunciado articulação para dominação do sujeito. É fácil entender a relação de Foucault quando cita o enunciado e a análise feita para determinar a posição do sujeito no enunciado.

Em seguida, o enunciado e as forma de domínios associados são encontrados próximos um dos outros, encontrando em torno dos enunciados (as margens), que são repletos de outros enunciados em sua volta, mas, para definir melhor sobre a existência desta margem, podemos resumi-las em duas partes: a primeira é definida como aquilo que dá caráter de existência para o enunciado, e estes enunciados estabelecem um contexto para o enunciado; o segundo é que os enunciados não serão iguais.

Não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo (FOUCAULT, 2008, p. 112).

O campo de enunciados associados tem vários complexos compostos de funções e de elementos que produzem outros elementos, ou seja, são séries de formulações que pretendem dar uma ordem e nestas formulações o enunciado não é dissociável do *status* que pode ser atribuída, como um romance.

Por fim, a existência material que é analisada como enunciado. A materialidade é considerada para Foucault como identidade do enunciado, possibilitando o recorte feito e estabelecendo meios possíveis para identificar o enunciado. “Para que uma sequência de elementos linguísticos possa ser considerada como um enunciado, é preciso que ela preencha uma quarta condição deve ter existência material” (FOUCAULT, 2008, p. 112). No entanto, se confirma que o enunciado precisa estar situado dentro do espaço tempo para assumir sua existência.

Entretanto, a materialidade desempenha, no enunciado, um papel muito mais importante: não é simplesmente princípio de variação, modificação dos critérios de reconhecimento, ou determinação de subconjuntos linguísticos. Ela é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data (FOUCAULT, 2008, p. 114).

Mesmo que duas pessoas falem a mesma palavra ao mesmo tempo, seriam ainda assim considerados dois enunciados distintos, pelo simples motivo de serem seres

totalmente diferentes, e considerando o fato de o tempo ter relação, como com enunciado, o tempo anula o fato da repetição. Porém, esta materialidade não é derivada de cor, som, dureza, e sim traçada pela mesma demarcação o espaço-tempo e o espaço perceptível.

Nas edições sucessivas de um livro, por exemplo, encontraremos o mesmo jogo de enunciados, embora sejam os seus caracteres, a sua tinta e o seu papel distinto. A localização do texto e a posição dos signos são os mesmos, mas toda a materialidade sensível mudou (FOUCAULT, 2008, p 115).

Os enunciados têm um papel significativo no campo do pensamento de Foucault, por este motivo é de grande valia estabelecer estes argumentos para que possa dar prosseguimento no próximo capítulo. A princípio, as ideias são tidas no campo mudo dos pensamentos, e nisso os enunciados ampliam as possibilidades para interpretar e manifestar os princípios de existência analisado na substância, no objeto e no sujeito. Portanto, a procedência do saber está no nível de domínio das coisas visíveis, porém, ele é tido como velado.

3 CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO DISCURSIVA PARA O SABER

Para ser compreendido a relação do saber dentro da filosofia, é necessário passar pelas experiências da pragmática e da linguagem. Desta forma, Foucault expressa seu pensamento através do elemento primário da formação discursiva, para ter essa compreensão em relação ao saber é necessário entender como os enunciados são formados e identificados, e como podemos entender a formação das ideias e dos saberes, e compreender as formações discursivas. No entanto, foi analisado o discurso para compreender o pensamento foucaultiano. Porém, com esta prévia desenvoltura, podemos avançar para a próxima etapa, que, com a constituição dos enunciados e a análise proposta por Michel, nos levará a entender a próxima etapa, que compõe as formações discursiva, dentro de uma análise epistemológica do saber.

3.1 Performance verbal e os enunciados

A constituição do saber perpassa pelo campo do enunciativo, mas, o campo discursivo tem suas nuances e suas utilidades dentro desta performance, de tal modo que podemos entender que o uso do discurso se torna cada vez mais fundamental para o desenvolvimento de um saber, não propriamente privatizado no campo lógico, mas dentro de elementos que se servem de uma lógica. Uma vez compreendido o campo discursivo como um ato que envolve uma série de elementos, como o próprio espaço, o tempo, o local, a época, o sujeito e o objeto, pode-se desenvolver uma finalidade específica na performance verbal.

O ato de fala é considerado bastante necessário na sociedade, principalmente quando relaciona o campo do saber. É um fato que desempenha um recorte histórico, assim, podemos identificar o nascimento do discurso, exatamente como auxiliar dos enunciados, quando relaciona os quatro meios de sua identificação – objeto, sujeito, outros enunciados e a materialidade. Já compreendido, o enunciado não é concebido através de conceitos prontos, como a análise de uma proposição ou a formação de frases, não existe uma regra pronta, mas os enunciados podem ser localizados em diversas situações que podem ser analisados e identificados, desde um tratado de matemática, até um manual de computador que possui apenas algoritmos. Considerando que não apenas são encontrados os enunciados nos signos, mas em outros aspectos dos signos; nesta

situação, compreendemos que o limite do signo é o limite de enunciado, porém o limite no enunciado é considerado vertical.

Ao analisar o enunciado em relação ao discurso, Foucault apresenta o discurso como um meio relacionado às proposições lançadas, uma vez que os signos podem ser analisados de forma horizontal:

E entendia-se então por discurso o que havia sido produzido (eventualmente tudo que havia produzido) em matéria de conjunto de signos. Mas se compreendia também por discurso um conjunto de atos de formulação, uma série de frases ou de proposições. Enfim – e este sentido foi finalmente privilegiado (com o primeiro que lhe serve de horizonte) –, o discurso é constituído por um conjunto de sequências de signos, enquanto enunciado, isto é, enquanto lhe podemos atribuir modalidades particulares de existência. E se conseguir demonstrar – como tentarei m seguida – que a lei de tal série é precisamente que chamei, até aqui, formação discursiva, se conseguir demonstrar que esta é o princípio de dispersão e de repartições, mas dos enunciados (no sentido que dei da palavra) o termo discurso poderá ser fixado: conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação [...] (FOUCAULT, 2008, p. 122).

Na citação, podemos identificar que a materialidade das formações discursivas está no nível dos signos. Pode-se entender que pode ser encontrado nas proposições e nas preces. No entanto, não somente na gramática e nem nas análises lógicas das proposições, mas em um nível que diferencia das demais linguagem ou ao ato “de ser dito”, o nível discursivo não tem o papel de exercer uma performance semelhante aos analistas da linguagem.

Quando permanece a visão do enunciado dentro dos discursos, e não somente, mas participando das formações discursivas, pensa-se em um ato de ordem lógica que defina uma ordem, uma maneira de isolar o enunciado, porém, no campo enunciativo, não é possível que o enunciado permaneça pelo motivo de uma existência privada, pois se entende que os enunciados se manifestam de forma privativa em relação a outro enunciado. Todavia, nem assim o enunciado é determinado de forma isolado, mas possui uma materialidade repetível. Com isso Foucault afirma que:

A descrição dos enunciados se dirige, segundo uma dimensão de certa forma vertical, às condições de existência dos diferentes conjuntos significantes [...] O enunciado não é, pois, uma unidade elementar que viria somar-se ou misturar-se às unidades descritas pela gramática ou pela lógica. Não pode ser isolado como uma frase, uma proposição ou um ato de formulação. Descrever um enunciado não significa isolar e

caracterizar um segmento horizontal, mas definir as condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de signos (não sendo esta forçosamente gramatical nem logicamente estruturada) uma existência específica (FOUCAULT, 2008, p. 123).

Foucault apresenta o enunciado como algo que não pode ser isolado das condições da fala ou de estrutura, não necessariamente com uma presença obrigatória de uma lógica, ou de uma formatação organizada, inserindo um padrão isolado das demais situações que estão estabelecido o nível do enunciado ou o nível do signo. Portanto, podemos analisar a performance verbal não como um ato isolado, mas uma relação de adequação para cada situação, que é classificado como um ato de fala especificamente.

3.1.1 Performance verbal e o dito

As performances verbais não podem ser comparadas igualmente com os enunciados, pois Foucault alude que a análise dos enunciados é de certa forma a análise histórica, logo, cabe afirmar que o enunciado se compara com a existência do ar, ou talvez não, pois considerando que o enunciado é não velado e não visível, certificando que sim, existe uma distinção entre o enunciado e as performances verbais, embora possa ser analisado a performance verbal como um corpo que comporta os enunciados (não é um fato exclusivo os enunciados estarem inserido na performance verbal).

Quando relaciona o enunciado como algo não oculto e não velado, percebemos que as performances verbais passam pelo campo das coisas ditas, e através dessas coisas ditas é possível fazer várias verificações em relação a si próprio. De forma mais precisa, o dito define-se que não são decifrados por meios lógicos e nem por referências. São geradas várias possibilidades que talvez possam ser reveladas ao decorrer do tempo, supondo assim que o dito não é formado apenas por si só, colocando à prova o próprio enunciado (o enunciado é considerado não oculto e não velado), pois a figura do não dito compõe essa performance verbal, tornando-a cada vez mais desafiadora para análise enunciativa. Assim, destaca o filósofo francês:

As frases e aos campos semânticos que ela utiliza: um único e mesmo conjunto de palavras pode dar lugar a vários sentidos e a várias construções possíveis; ele pode ter, entrelaças, significações diversas, mas sobre uma base enunciativa que permanece idêntica. Da mesma forma, a repressão de uma performance verbal por outra, sua substituição ou sua interferência, são fenômenos que pertencem ao

nível da formulação (mesmo se têm incidências sobre as estruturas linguísticas ou lógicas); mas o próprio enunciado não é afetado, pelo desdobramento ou pelo recalçamento, já que é a modalidade de existência da performance verbal tal como foi efetivada (FOUCAULT, 2008, p. 125).

Entretanto, mesmo com toda essa manifestação do não-dito sobre algo que, mesmo não manifesto pela fala, não se encontra este poder de modificar ou desenvolver uma nova análise do enunciado. Desta forma, verificamos que o enunciado não é alterado pela existência do não-dito. Afirmo Foucault:

O enunciado não pode ser considerado como resultado cumulativo ou a cristalização de vários enunciados flutuantes, apenas articulados, que se rejeitam entre si. O enunciado não é assombrado pela presença secreta do não-dito, das significações ocultas, das repressões; ao contrário, a maneira pela qual os elementos ocultos funcionam e podem ser restituídos depende da própria modalidade enunciativa: sabemos que o “não-dito”, o “reprimido”, não é o mesmo – nem em sua estrutura nem em seu efeito – quando se trata de um enunciado matemático e de um enunciado econômico, quando se trata de uma autobiografia ou da narração de um sonho (FOUCAULT, 2008, p. 125).

Conclui-se que o não-dito não limita o enunciado e não compromete a sua eficiência no processo de dar existências, e, por esse motivo, o enunciado ganha a função de demarcação, gerando o intervalado que determinaria a sua existência.

3.1.2 Performance verbal e a linguagem

Ao chegar aqui, nos deparamos novamente com uma análise da linguagem, porém, Michel Foucault tem uma análise recomeçada quando relaciona o problema encontrado e desenvolvido pela escola de Port-Royal, no entanto, podemos desenvolver um novo pensamento recomeçado da linguagem, dando assim uma nova roupagem para o que está sendo discutido, não como uma análise com um rigor lógico, na qual tem um fim totalmente lógico e encubado em uma sequência que finalize em uma apurada constatação sobre a sua veracidade, tendo-a como uma meta ou até mesmo uma maneira exata, assimilando-se com a ciência metodológica.

Desta forma, percebe-se que o pensamento foucaultiano é implementado de uma liberdade, mas sem fugir de uma lógica, ou seja, em bora haja situações que logicamente não têm estabilidade em si, podemos entender que o pensamento de Michel Foucault é

formado através de uma base original que foi analisado e discutido até aqui, que é o enunciado.

O enunciado apresenta uma categoria de existência. Assim, a presença do enunciado é contida em uma forma única de manejo, não podendo analisar com as ferramentas da lógica ou intitulado uma forma de manejo restrito, ou seja, o enunciado permite-se desenvolver-se dentro de sua redoma, basicamente, e pode-se afirmar que o enunciado explica a si próprio, considerando que existem outros enunciados que podem ser tidos como existentes dentro de seu nível.

O signo pode apresentar-se, mas não é capaz de representear o enunciado, porém ocorre o oposto, o enunciado que é o mediador da existência dos signos e das coisas, porém a análise do enunciado é tida através das seguintes situações necessárias, como a materialidade, a referência e os signos, não de forma criteriosa e precisamente nesta ordem, e não precisamente com a necessidade destas categorias, mas podemos destacar o enunciado dentro do nível do enunciado, identificando-o. Por isso, é necessário a visibilidade do enunciado para ser compreendida a linguagem.

Nem oculto, nem visível, o nível enunciativo está no limite da linguagem: não é, em si, um conjunto de caracteres que se apresentariam, mesmo de um conjunto de caracteres que se apresentariam, mesmo de um modo não sistemático, a experiência imediata; mas não é, tampouco, por traz de si, o resto enigmático e silencioso que não traduz. Ele define a modalidade de seu aparecimento: antes sua periferia que sua organização interna, antes sua superfície que seu conteúdo. Mas o fato de que se pode escrever essa superfície enunciativa prova que o “dado da linguagem” não é a simples laceração de um mutismo fundamental; que as palavras, as frases, as significações, as afirmações, os encadeamentos de proposições não se apoiam diretamente na noite primeira de um silêncio; mas que o súbito aparecimento de uma frase, o lampejo do sentido, o brusco índice da designação surgem sempre no domínio de exercício de uma função enunciativa; que entre a linguagem tal como a lemos e ouvimos, mas também como a falamos, e a ausência de qualquer formulação não há o formigamento de todas as coisas pouco ditas, de todas as frases em suspenso, de todos os pensamentos sem verbalizados, do monólogo infinito do qual emergem apenas alguns fragmentos; mas, antes de tudo – ou, pelo menos, antes dela (pois depende delas) – as condições segundo as quais se efetua a função enunciativa (FOUCAULT, 2008, p.127).

Em suma, fica fácil afirmar que o enunciado não é ligado diretamente com a análise metodológica da linguagem, pois este não se adequaria precisamente a uma análise lógica, ou ao positivismo linguístico, mesmo que ele tenha uma finalidade voltado

para linguagem. Enfim, Foucault em sua análise arqueológica, especificamente na obra *A arqueologia do saber* demonstra uma filosofia da linguagem embasa nos acontecimentos.

3.2 Formação discursiva e o problema do enunciado

Depois desta análise específica do que pode ser entendido como enunciado, podemos passar para a próxima etapa, que é a relação do enunciado e da formação discursiva. Entraremos em análise no que pode ser entendido ainda mais sobre o enunciado, introduzindo assim o que seria esta formação discursiva, e analisando o papel da descontinuidade e a demarcação. Com a compreensão desses elementos, ficará mais viável compreender a formação discursiva.

A formação discursiva passa por algumas etapas que é consideravelmente analisada a partir do nível do enunciado, pois, como se percebe, Foucault coloca uma visão tanto interna como externa quando se refere à formação discursiva e a análise do enunciado. É definido que ao considerar que a formação discursiva é um meio de organizar os enunciados em sua singularidade, ou seja, com os enunciados há uma antecedência dos signos, gerando assim o discurso.

Em suma, se tiver conseguido mostrar que as dimensões próprias do enunciado é que estão utilizadas na demarcação das formações discursivas. Não se trata de fundar, de direito, uma teoria – e antes de poder eventualmente fazê-lo –, mas sim, no momento, de estabelecer uma possibilidade. Examinando o enunciado, o que se descobriu foi uma função que se apoia em um conjunto de signos, que não se identifica nem com a “aceitabilidade” gramatical, nem com a correção lógica, e que requer, para se realizar, um referencial (que não é exatamente um fato um estado de coisa, nem mesmo um objeto, mas um princípio de diferenciação); um sujeito (não a consciência que fala, não o autor da formulação, mas uma posição que pode ser ocupada, sob certas condições, por indivíduos indiferentes); um campo associado (que não é o contexto real da formulação, a situação na qual foi articulada, mas um domínio de coexistência para outros enunciados); uma materialidade (que não é apenas a substância ou o suporte da articulação, mas um status, regras de transcrição, possibilidades de uso ou de reutilização) (FOUCAULT, 2008 p. 130).

Nesta posição, podemos certificar que o conjunto de análise do enunciado tem um objetivo único dentro das formações discursivas. Considerando que o conjunto de signos podem ser considerados maneiras de manejo estrito do discurso. No conjunto de

enunciados não é possível afirmar que as formações discursivas tenham ligação com a linha de pensamento dos filósofos de Port-Royal.

Neste ponto, é viável afirmar que as formações discursivas não têm uma linha metodológica semelhante a metodologia dos filósofos ingleses, que define a língua em sistemas gramaticais lógicos precisos e imutáveis.

E se as formações discursivas são livres em relação as grandes retóricas do texto ou do livro, se não têm por lei o rigor de uma arquitetura dedutiva, se não se identificam como a obra de um autor, é porque utilizam o nível enunciativo com as regularidades que o caracterizam, e não o nível gramatical das frases, ou lógicos das proposições, ou psicológico da formulação (FOUCAULT, 2008, p. 132).

Os domínios do enunciado têm uma ligação com as formações discursivas, pois, com a identificação dos enunciados gerais, permite a identificação do mesmo, ou seja, a formação discursiva é regido pelo o sistema de enunciados, pois pode ter algumas afirmações que são consideradas importantes para a análise enunciativa e a formação discursiva; a primeira é, que embora o enunciado não tenha uma maneira legítima para ser definido, Foucault afirma que a organização do nível enunciativo conduz à individualização das formações discursivas; a segunda afirmação é de que um enunciado pertence à formação discursiva, pois as regularidades dos enunciados é definida pela a própria formação discursiva; a terceira afirmação é que o discurso é um conjunto de enunciados, formando e dando origem as formação discursiva existente, o discurso é considerado intemporal, ou seja, não é analisado pelo o tempo, pois a sua existência pertencente a todos os tempos; e a quarta seria que a prática discursiva não pertence ao homem, mas a existência está estabelecida no tempo e no espaço; de forma mais simples, podemos averiguar que a prática discursiva originalmente não pertence ao locutor do discurso, mas pertence a uma existência que não é interpretada de forma inata ao locutor, o enunciado se alto interpreta.

3.3 A formação discursiva e os níveis de saberes possíveis

Neste tópico, abordamos de forma bem clara a situação dos saberes possíveis na formação discursiva. Michel Foucault pretende nesta obra esclarecer sobre o problema do enunciado e das formações discursivas, como algo que tem um nível de abrangência total das coisas, pois considera importante a análise da raridade, da exterioridade e do acúmulo.

Estes três pontos específicos aplicam-se na análise dos enunciados e das formações discursivas.

Tendo um percurso já encaminhado, a posição do saber dentro da formação discursiva merece um diagnóstico mais preciso dentro deste tópico, pois, a raridade, a exterioridade e o acúmulo são pontos importantes para entender este nível do saber na qual existe no aspecto do acontecimento discursivo. Em primeira análise, é fato entender que o discurso não tem um campo de abrangência total, até mesmo no campo da análise enunciativa, pois é possível identificar uma raridade, até mesmo um *déficit* encontrado onde pode-se entender o campo específico do saber, isto é, as formações discursivas limitam-se à uma escassa aparição no campo da linguagem não podendo concretizar no discurso a totalidade do saber, ou esgota o campo do saber através do discurso.

Pode-se também compreender as formações discursivas como um meio não infinito, mas pode ser compreendido como um aspecto que introduz lacunas, não encarregando os saberes em um processo de inércia, mas, entende-se as formações discursiva como um gerador de recortes. Pode-se ser definido não como uma reprodução ou como um acúmulo, uma vez que se compreende que cada enunciado ou formação discursiva se coloca em seu devido lugar; não através de repetições como uma sequência de *Fibonacci*, ou uma escala cartográfica já definida por um cálculo; mas com essa similaridade de repetições enunciativas, pode-se ser analisado a aparição do não-dito, na qual se adequa como parte interina da formação discursiva.

Portanto, não é possível o nível de existência sem haver uma referência, o dito produzido através de uma instituição, necessariamente elidindo o campo da linguagem e da lógica, pois o posicionamento das formações discursivas é estabelecido por uma vontade do se apropriar (Foucault distancia o pensamento antropológico das formações discursivas quando ele afirma que o homem deseja se apropriar do discurso) do discurso através de repetições, reproduções e transformações.

Diferente de todas essas interpretações cuja própria existência só é possível pela raridade efetiva dos enunciados, mas que, entretanto, não tomam conhecimento dela, e ao contrário, tomam como tema a compacta riqueza do que é dito, a análise das formações discursivas se volta para essa raridade; toma-a por objeto explícito; tenta determinar-lhe o sistema singular; e, ao mesmo tempo, dá conta do fato de que pôde haver interpretação. Interpretar é uma maneira de reagir à pobreza enunciativa e de compensá-la pela multiplicação do sentido; uma maneira de falar a partir dela e apesar dela. Mas analisar uma formação discursiva é procurar a lei de sua pobreza, é medi-la e determinar-lhe a forma específica. É, pois, em um sentido, pesar o “valor” dos

enunciados. Esse valor não é definido por sua verdade, não é avaliado pela presença de um conteúdo secreto; mas caracterizar o lugar deles, sua capacidade de circulação e de troca, sua possibilidade de transformação, não apenas na econômica dos discursos, mas na administração, em geral, dos recursos raros (FOUCAULT, 2008, p.136).

A análise do enunciado permite pensar que o saber é encontrado no presente espaço discursivo, ou, através do acontecimento, pois através deste dado fato do acontecimento é possível ter um pensamento antecipado, ou talvez traduzido como uma visão da história da história, implementando de maneira mais adequada a questão do acontecimento no pensamento foucaultiano das formações discursivas, em uma contra história. Logo, os elementos do espaço e do tempo não são de certa forma os mais importantes numa análise do enunciado, ou em uma produção do saber; pois nas análises do enunciado é percebido uma descontinuidade, que é implementado ao decorrer do tempo através dos discursos clínicos, econômicos e políticos. Mas, antes disso, pode se pensar nos saberes que muitas vezes foram esquecidos. Assim, Foucault descreve:

Geralmente, enquanto analisamos discursos já efetuados, consideramos-os como afetados por uma inercia essencial [...] quando muito, são suscetíveis de serem favoravelmente retomados nas redescobertas da leitura; quando muito, podem ser aí descobertos como portadores das marcas que remetem à instância de sua enunciação; quando muito, essas marcas, uma vez decifradas, podem liberar, por uma espécie de memória que atravessa o tempo, significações, pensamentos, desejos, fantasmas sepultados. Estes quatro termos, leitura – traço – decifração – memória, definem o sistema que permite, usualmente, arrancar o discurso passado de sua inercia e reencontrar, num momento, algo de sua vivacidade perdida (FOUCAULT, 2008, p.139).

De acordo com essa linha de pensamento, é possível analisar que os saberes que praticamente ficaram esquecidos no passado podem ser resgatados, e ser retomados; esse resgate já pressupõe o método arqueológico do Foucault, que tem por objetivo soterrar pensamentos que não foram consagrados ao decorrer do tempo, como os de Aristóteles, Platão dentre outros. O filósofo francês tenta desvelar esses saberes que não foram consagrados ao decorrer do tempo, e resgatá-los. Isso se torna possível por causa desta contra história, que são resgatados, e esse resgate ocorre através de recortes que são conhecidos como arquivos.

As instituições são consideradas portadoras desses saberes, como as bibliotecas, que armazenam os livros, que portam muitos saberes. A análise do enunciado tem essa

capacidade de recorrência, ou seja, os enunciados em seu elevado significado de existência elidem a possibilidade de alguma causa de existência contínua, pois os enunciados passam pelo campo da descontinuidade.

3.4 O não-discurso e os acontecimentos discursivos

Antes de adentrar no campo método arqueológico de Michel Foucault, são necessárias mais algumas considerações em relação ao domínio enunciativo e o domínio das formações discursivas, pois é favorável desvelar o problema do acontecimento, sendo do discurso e o do não-discurso, porque, com a delimitação desses conceitos, será válido para a compreensão do campo arqueológico que será trabalhado no próximo capítulo. Todavia, não apenas irá ajudar a compreender o método arqueológico como também estenderá ao campo dos saberes concebidos até então.

Este conceito de acontecimentos, a princípio, é de grande relevância ao campo das formações discursivas e dos enunciados, donde o campo do acontecimento exerce a sua finalidade, pois, essa definição de acontecimentos tem maior ênfase na obra *A Arqueologia do Saber* (1969). Vandresen afirma:

Condições estas que não são apenas regras internas ao discurso, mas também condições não-discursivas. Para que um discurso seja legítimo, autorizado institucionalmente para dizer a verdade, precisa seguir padrões estabelecidos. Foucault compreende acontecimento como irrupção de uma nova regularidade discursiva, irrupção que coloca em jogo o acontecimento discursivo como acontecimentos não-discursivos. A análise do discurso enquanto acontecimento não é referente as leis do pensamento (espírito como influência para algo surgir), nem da ordem das coisas (mero jogo das consequências), mas do conjunto de regras que compõe a condição para que um discurso possa acontecer (VANDRESEN, 2014, p. 82).

O acontecimento em si, para Foucault, considera uma descontinuidade, uma vez que uma ideia se permite existir, pois, com esse pensamento, podemos analisar que a descontinuidade se traduz em uma situação que já existiu (evidentemente o nível enunciativo já ocupa essa lacuna). De forma bem simples, podemos comparar a presença do acontecimento com alguém que diz alguma coisa em um determinado período e em um determinado momento. Embora tenham sido destacadas algumas informações sobre o acontecimento, a autora Judith Revel corrobora:

Foucault [...] considera o discurso como uma série de acontecimentos nos situa automaticamente na dimensão da história. [...] É, portanto, por ocasião de um discurso com os historiadores que Foucault dá a definição de “acontecimentalização”: não uma história acontecimental, mas a tomada de consciência das rupturas da evidência induzidas por certos fatos (REVEL, 2005, p.14).

Deste modo, o acontecimento tem uma finalidade chave para chegarmos ao conceito de não-discurso, como mencionado acima. Revel explicita de forma precisa que Foucault não se categoriza como um historiador, excluindo a possibilidade de o discurso ser um método histórico, assim Foucault foge desta linearidade histórica, optando para o campo dos acontecimentos, formado por quatro elementos de análise do enunciado que são: um referencial, uma função de sujeito, um campo associado e uma condição de materialidade. Desta forma, os acontecimentos são encontrados nestes elementos do enunciado, revelando uma condição de existência.

Com a explanação bem apurada do que seria os acontecimentos, o não discurso ganha presença dentro da filosofia de Foucault, pois, é através dos não-discursivos que as instituições se apresentam no campo discursivo do saber, presença visível ao decorrer dos acontecimentos.

Na dimensão da formação discursiva não quer dizer que o não-discursivo determine os objetos ou os enunciados, mas que constituem o domínio determinado sem o qual não é possível aparecer objetos nem enunciados. Por isso, a arqueologia não quer mostrar como o não-discurso ou os discursos modificou os conceitos de um discurso, mas como este se articula com práticas que não são da mesma natureza” (VANDRESEN, 2014, p.87).

Por esta situação, Foucault denota os acontecimentos discursivos que são de outras ordens, gerando uma análise das questões políticas, sociais, econômicas e técnicas, participando assim desta ordem de domínio do discurso. Assim, Rouanet em uma entrevista com Foucault fala sobre a ciência como meio de um possível saber no âmbito do não-discurso (na citação Foucault significa o não-discurso = *pré-discursivo*):

O que torna possível uma ciência, nas formações pré-discursivas, é a emergência de um certo número de objetos que poderão tornar-se objetos de ciência; é a maneira pela qual o sujeito do discurso científico se situa; é a modalidade de formação dos conceitos. Em suma, são todas essas regras, definindo os objetos possíveis, as posições do sujeito em relação aos objetos, a maneira de formar os conceitos, que nascem das formações pré-discursivas e são determinadas por elas. É somente a partir dessas regras que se poderá chegar ao estado terminal do discurso,

que não exprime, portanto, essas condições, ainda que estas o determine (ROUANET, 1971, p. 24).

As formações do saber desvelados através do não-discurso é estabelecido como algo que não está relacionado ao discurso de forma vertical e nem de forma horizontal, pois este é tido como uma parte do discurso posto e estabelecido dentro do aspecto do acontecimento. Os não-discursos, no campo do saber, são considerados causas de uma descontinuidade dos saberes posto pelos meios institucionais, como o discurso médico sobre o louco. No entanto, é através desta materialidade do discurso e dos acontecimentos que os saberes são elevados na sociedade, sendo que alguns saberes chegam a se consagrarem, já outro são interpretados como forma de poder.

3.5 Positividades Históricas e o arquivo

Esta positividade é tida como um mecanismo de saberes que foram consagrados e que foram postos sobre uma espécie de domínio, porém, estes saberes não constituem de empirismo histórico, mas origina-se com uma ação de organizar os enunciados que são manifestos de forma caótica. Foucault na obra de 1969 classifica esta positividade histórica como um *a priori* histórico, onde relaciona a materialidade das formações discursivas com um devir. Portanto, neste tópico será analisado sobre essa positividade histórica e o papel do arquivo.

É percebível que essa situação do positivismo histórico se aproxima bastante do conhecimento das formações não-discursivas, na qual antecede os acontecimentos das formações discursivas. Mas, é possível considerar que este assunto é consideravelmente distinto, pois a análise que será feita está restritamente relacionada a um conhecimento *a priori*.

Considerando então o *a priori* histórico como saberes que são fundamentais no discurso para uma organização, como o devir. A definição do arquivo se manifesta como um meio preciso de alinhar os saberes.

Ao invés de vermos alinharem-se no grande livro mítico da história, palavra que traduzem, em caracteres visíveis, pensamentos constituídos antes e em outro lugar, temos nas densidades das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisa (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimento de um lado, coisa

de outro) que proponho chamar de arquivo (FOUCAULT, 2008, p. 146).

O arquivo tem uma finalidade própria de organização, mas também é considerado um fato que pode ser resgatado, nisso os saberes no campo da materialidade são limitados e através dessas descontinuidades os saberes estão sempre justapostos e munidos de acontecimentos que são controlados pelas instituições. Por esse motivo, as instituições acreditam que o domínio do discursivo pertence ao homem como meio para exercer o poder através do discurso, esses poderes são definidos através de arquivo que são como recortes precisos de informações que são reestabelecidos no presente, assim são de uso institucional, como controle dos saberes, um exemplo disso são os sabres que se consagraram e os saberes que ficaram soterrado no tempo. Afirma Foucault:

Entre a língua que define o sistema de produção das frases possíveis e o corpus que recolhe passivamente as palavras pronunciadas, o arquivo define um nível particular: o de uma prática que faz surgir multiplicidade de enunciado como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação (FOUCAULT, 2008, p. 147).

Por fim, entende-se o arquivo não como a totalidade de uma cultura ou como uma definição plena de um saber, e sim como um achado preciso dos acontecimentos já existentes, independente do que seja. Após a compreensão dessa temática, se faz oportuno prosseguir no pensamento foucaultiano, já que o arquivo é um dos elementos que permite o avanço para o campo arqueológico.

4 O PROCESSO ARQUEOLÓGICO DO SABER

Tendo compreendido o processo de formação discursiva para o saber, chegamos ao tema do processo arqueológico, desenvolvido por Michel Foucault. No entanto, é justo que nesta fase seja exposto o processo do saber filosófico de Foucault através do pensamento arqueológico, que tem uma finalidade chave dentro do conceito do saber. Certamente, este assunto do saber é trabalhado através do elemento chave do enunciado e das formações discursivas, mas, estes elementos são encontrados abundantemente dentro do pensamento arqueológico, pois é através desses elementos que é montado o processo arqueológico do saber em Foucault.

A análise proposta para este pensamento é encontrada nos aspectos factuais onde o discurso é exercido de forma livre, pois ele é encontrado na experiência hodierna. Existe situações que colide como o pensamento arqueológico como a metafísica, que está em contraposição ao pensamento arqueológico de Foucault, pontuando o problema temporal existente no campo histórico, pois este é analisado pelo processo arqueológico, desenvolvendo uma definição discursiva do saber e do poder eminente a sua época, por isso, os saberes entram em conflitos através de uma evolução histórica; Foucault melhor define essa evolução como “transformação do saber”. No mais, este pensamento arqueológico que Foucault define de forma precisa apresentar-se na obra *A arqueologia do saber*, como um articulador dos acontecimentos do passado sendo estes analisados de forma precisa.

4.1 Arqueologia e a contra história

Em primeiro lance, entende-se que o arqueólogo é aquele que tem como objetivo fazer uma busca por objetos antigos, ou até mesmo compará-lo a um descobridor de coisas passadas. Com isso, ao passo que o arqueólogo tem este objetivo de resgatar registros que ficaram gravados do tempo, podendo assimilar este resgate temporal com processo de escavação do arqueólogo. Foucault, com essa ilustração do processo de escavação que o arqueólogo faz, assim o denomina arqueologia dos enunciados, pressupondo que o enunciado tem essa peculiaridade e finalidade de resgatar acontecimentos através de sua função de existência, sendo o mesmo materializado no discurso, que tem o principal enfoque “o acontecimento” e não o referencial, ou seja, o emissor do discurso.

Com este pensamento, chega-se à conclusão de que a arqueologia lembra o pensamento metafísico, considerando o elemento que dar base para arqueologia dos saberes que é o enunciado, tendo a finalidade de dar condição de existência as coisas. Por este motivo, Laclos define que:

A arqueologia é mais precisamente a *metafísica da prática teórica* de Foucault. Dizemos “metafísica”, embora os autores mobilizados por Foucault não seja todos filósofos, longe disto e ainda que, enquanto o sejam, declaram-se por vezes abertamente oposto a metafísica. Mas a concepção foucaultiana, em particular a sua filosofia da linguagem, é metafísica no sentido em que é transcendente ao âmbito dos próprios fatos (LACLOS, 2005, p. 296).

O motivo desta afirmação segue o pensamento de que a arqueologia não tem um caminho semelhante ao caminho dos filósofos da linguagem e da gramática, pois a arqueologia não segue uma regra de retilínea que possui um padrão de conclusão, até mesmo considerado um padrão binário no determinismo do verdadeiro e do falso. Mas, esta linha arqueológica não busca uma condição de verificação, definindo e desejando aproximá-la do campo científico. De tal maneira, entende-se o processo arqueológico como meio que não se envolve também em uma ordem estática, como a matemática e a física, e sim como um ato de designação das condições totais do saber. Mas, isso não seria possível, na realidade limitada das condições práticas do saber conhecidas no campo arqueológico.

Por esta desenvoltura da arqueologia, entende-se que ela se difere da compreensão de história, porque quando compreendemos que a história tem um desenvolvimento totalmente definido pelo homem, este tem a história como campo de domínio, porém, Foucault tem uma visão diferente quando atenua esta visão antropológica. É facilmente entendido que nos escritos arqueológicos, a princípio, na obra de 1969, não é possível que o enunciado seja pertença do homem, segundo o pensamento arqueológico enunciativo, entretanto, é concebido o contrário: o enunciado tem o poder de definir o que o homem é.

A história das ideias e a arqueologia não pode ser definida como semelhante, pois Foucault em seus escritos afirma:

Vê-se bem como os dois papéis da história das ideias se articulam um com o outro. Em sua forma mais geral, podemos dizer que ela descreve sem cessar – e em todas as direções em que se efetua – a passagem da não-filosofia a filosofia, da não-cientificidade à ciência, não-literatura

à própria obra. Ela é a análise dos nascimentos surdos, das correspondências longínquas, das permanências que se obstinam sob mudanças aparentes, das lentas formações que se beneficiam de um sem-número de cumplicidades cegas, dessas figuras globais que se ligam pouco a pouco e, de repente se condensam na agudeza da obra. [...] ao contrário, considera que qualquer outra forma de análises dos discursos é uma traição à própria história. Ora, a descrição arqueológica é precisamente abandono da história das ideias, recusa sistemáticas de seus postulados e de seus procedimentos, tentativa de fazer uma história inteiramente diferente daquilo que os homens disseram (FOUCAULT, 2008, p. 156).

Neste trecho, é possível entender que a presença da história tem uma finalidade dependente da cronologia e da sequência temporal efetivada a cada fato, diferente da arqueologia, que não necessariamente é composta de uma sequência temporal, e que, semelhante a história, tem um papel de agrupar esses fatos de forma precisa e direta à época definida. A história tem uma têmpera evolucionista no campo histórico das ideias.

4.2 A descrição arqueológica do saber

Um dos principais problemas a ser colocado em questão é o pensamento arqueológico, que pressupõe um *vir-a-ser* dos pensamentos, analisando os saberes passados e trazendo para a contemporaneidade de forma pura, verificando a descrições de transformação dos saberes ao decorrer do tempo; isso permite questionar esta transformação do saber verificando a maneira mais coerente de aplicar o método arqueológico de forma correta em relação ao passado, sem que possa modificar ou elevar os saberes que se apresentam nos tempos atuais. Essa é uma indagação diferente do pensamento dos historiadores, pois eles possuem uma análise da história voltado para uma evolução dos conhecimentos que ao decorrer do tempo são melhorados, tudo isso em uma contínua evolução dos saberes. Em suma, Foucault demonstra como a arqueologia pode se construir envolta da descrição arqueológico:

A descrição arqueológica, se dirige às práticas discursivas a que os fatos de sucessão devem-se refletir, se não quisermos estabelecê-los de maneira selvagem e ingênua, isto é, em termos de mérito. No nível em que se coloca, a oposição originalidade-banalidade não é, portanto, pertinente: entre uma formulação inicial e a frase que – anos, séculos mais tarde – a repetiu mais ou menos exatamente, ela não estabelece nenhuma hierarquia de valor; não faz diferença radical. Procura somente estabelecer a regularidade dos enunciados (FOUCAULT, 2008, p. 162).

Esta formulação prática do discurso arqueológico é o que dá a forma para o que podemos apreciar como algo que está fora da temporalidade, isto pelo motivo das descrições enunciativas que é dominante no ato discursivo. Assim afirma Foucault.

A arqueologia não está à procura das invenções e permanece insensível ao momento em que, pela primeira vez, alguém esteve certo de uma verdade; ela não tenta restituir a luz dessas manhãs festivas, o que não quer dizer que se dirija aos fenômenos médios da opinião pública à palidez do que todo mundo, em uma certa época, podia repetir. [...] é revelar a regularidade de uma prática discursiva que é exercida, do mesmo modo, por todos os seus sucessores menos originais, ou por alguns de seus predecessores; prática que dá conta, na própria obra, não apenas das afirmações mais originais, mas das que ele retomou, até copiaram de seus predecessores (FOUCAULT, 2008, p. 163).

O filósofo francês afirma neste pensamento que a formulação dos atos discursivos tende a uma performance descritiva, mais pura, que foge de uma descrição que envolve uma continua permanência do presente, e deliberadamente efetua a sua descrição de forma precisa, atenuando características que definem o pensamento ou a ideia resgatada na história. Miranda em sua análise define este aspecto da seguinte forma:

O que pode ser destacado né que Foucault substitui os princípios teóricos das referidas linhas de pensamento por outros princípios aos quais ele considera mais abrangente e mais pertinente aos seus intuítos investigativos: em vez de limitar-se ao sistema de estrutura, ao conteúdo de uma mente superior, à ideologia de sujeito contextualizados e dotados de uma consciência inequívoca de sua interação; expande a sua análise para o sistema do acontecimento para a emergência sempre presente do enunciado, para o discurso e suas cadeias, para a rede dos enunciados (MIRANDA, 2016, p. 131).

Por este motivo, a linha de pensamento arqueológico de Michel Foucault tem essa capacidade de habitar no campo filosófico, cujo pensamento tenha uma característica de não ser subjugado por uma sequência conhecida e formada, e sim por um recorte na história, definido e formado pelas regularidades enunciativas existente. Foucault diz que “a ordem arqueológica não é nem a das sistematicidades, nem a das sucessões cronológicas” (FOUCAULT, 2008, p. 167). Mas esta afirmação não é considerada imutável, pois é possível afirmar que “para certas formações discursivas, a ordem arqueológica talvez não seja muito diferente da ordem sistemática, já que em outros casos ela segue talvez o fio das sucessões cronológicas” (FOUCAULT, 2008, p. 167).

4.3 A arqueologia e a performance discursiva

O processo da arqueologia passa por complexas definições que são anteriores a ela, perpassando pelas formações enunciativas, pelos discursos e assim formando uma descrição arqueológica autêntica. Neste sentido, percebe-se o ato da performance discursiva se torna necessário para a compreensão dos níveis de saberes constituídos em sua materialidade presente na história, entendendo os vários discursos interligados de forma organizada como meio viável para possibilitar a clareza dos saberes.

Através dos atos discursivos se torna possível compreender os saberes existentes que se consagraram na história. No entanto, entende-se os atos discursivos quando expressam os saberes não como um ato de sequência, mas como meio de sucessão.

A história que não é estrutura, mas vir a ser; que não é simultaneidade, mas sucessão; que não é sistema, mas prática; que não é forma, mas esforço incessante de uma consciência retomando a si mesma e tentando se ressarcir até o mais profundo de suas condições (FOUCAULT, 2000, p. 86).

Foucault não se apresenta como um estruturalista, porém, ele presa por uma descontinuidade. É possível perceber em todo o percurso feito, que o método arqueológico não está inserido em uma temporalidade estática ou linear dos fatos, é possível considerar que o método arqueológico não objetiva-se à uma construção positiva do discurso que propõe um sistema ordenado da ciência, mas seu método arqueológico pressupõe uma apresentação precisa dos acontecimentos e dos saberes através das performances discursivas que se apoiam em um emaranhado histórico, não sendo traduzido como uma hermenêutica que busca a interpretação dos textos e dos signos dando valor simbólico. Ratificando este pensamento, “para o citado filósofo (Foucault), é preciso se libertar das noções de continuidade; de tradição; de influência; de desenvolvimento; de mentalidade ou espírito de uma época” (MIRANDA, 2015, p. 131). Ele confirma:

Abandonar essas sínteses fabricadas, esses agrupamentos que são aceitos antes de qualquer exame, essa ligação cuja validade é admitida de saída; assim como deixar de lado a ligação dos pensamentos dos homens aos seus discursos, não aceitar os recortes, nem a distinção dos grandes tipos de discurso, das formas ou gênero (FOUCAULT, 2000, p. 88).

Quando relaciona este termo usado por Foucault como sínteses fabricadas ou os agrupamentos, é possível entender que a linha de pensamento foucaultiana não é retilínea ou relacional, também se compreende que o saber não é considerado uma repetição dos saberes em relação ao emissor do discurso em uma convivência intrínseca, mesmo havendo o processo arqueológico foucaultiano, o âmbito avaliativo não é necessário que o acontecimento epistêmico tenha a veracidade comprovada. Mesmo assim, a arqueologia expõe e revela esse pensamento. Simplificando este pensamento, entende-se que o processo arqueológico de Foucault não necessariamente se preocupe com grau de eficácia e veracidade.

O discurso tem um papel importante na arqueologia, sendo assim a chave para o método enunciativo arqueológico de Foucault. Podemos complementar esta etapa do discurso com esta consideração que revela o manejo desta teoria metodológica.

Uma formação discursiva não é, pois, o texto ideal, contínuo e sem aspereza, que corre sobre multiplicidade das contradições e as resolve na unidade calma de um pensamento coerente; não é, tampouco, a superfície em que se vem refletir, sob mil aspectos diferentes, uma contradição que estaria sempre em segundo plano, mas dominante. É antes um espaço de dissensões múltiplas; um conjunto de oposições diferentes cujo níveis e papéis devem ser descritos. A análise arqueológica revela o primado de uma contradição que tem seu modelo na afirmação e na negação simultânea de uma única e mesma proposição, mas não para nivelar todas as oposições em formas gerais de pensamento e pacificá-las à força por meio de um *a priori* coator. Trata-se, ao contrário, de demarcar, em uma prática discursiva determinada, o ponto em que elas se constituem, definir a forma que assumem, as relações que estabelecem entre si e o domínio que comandam. Em suma, trata-se de manter o discurso em sua aspereza múltipla e de suprimir, em consequência disso, o tema de uma contradição uniformemente perdida e reencontrada, resolvida e sempre renascente, no elemento indiferenciado do *logos* (FOUCAULT, 2008, p. 175).

É possível compreender a arqueologia através dos discursos, porque este possibilita o entendimento dos recortes históricos, e assim, se torna possível que não necessariamente o discurso tenha uma continuidade. Mas, no pensamento arqueológico, o mecanismo de apropriação do discurso aprouve-lhe através das transformações ou sucessões, consistindo em pautas temporais, intervalos de saberes que foram transformados em novos meios de considerado correto no que se define como época. O campo do saber perpassa por transformações, mas isso não abdica o campo temporal,

considerado assim um dos campos enunciativos. A apropriação temporal tem a finalidade de materializar e tornar preciso os recortes arqueológicos postos em questão, estando presente como aspecto de coexistência os enunciados. Por fim, os vários discursos que se aglomeram são tidos como meios de existência, e é através do discurso que se forma a história.

4.4 A arqueologia e o tempo

No campo arqueológico, o tempo, assim como na história, tem um papel importante dentro da estrutura do conceito filosófico. Desta forma, podemos desvendar as características da arqueologia com o princípio de demarcação, ou seja, o tempo como meio de demarcar os episódios históricos, o que podemos determinar como o saber. De certa forma, o tempo não é categorizado dentro do pensamento arqueológico como meio de continuação, mas entende-se como um recorte preciso na história. Foucault situa que:

A arqueologia descreve um nível de homogeneidade enunciativa que tem seu próprio *recorte temporal*, e que não traz com ela todas as outras formas de identidade e de diferenças que podem ser demarcadas na linguagem; e neste nível, ela estabelece um ordenamento, hierarquia e todo um florescimento que excluem uma sincronia maciça, amorfa, apresentada global e definitivamente. Nas tão confusas unidades chamadas “época”, ela faz surgir, com sua especificidade, “períodos enunciativos” que se articulam no tempo dos conceitos, nas fases teóricas, nos estágios de formação e nas etapas de evolução linguística, mas sem se confundir com eles (FOUCAULT, 2008, p. 167).

Os diversos saberes filosóficos se condensam na história, abrindo margem para o campo temporal, sendo assim, os discursos são de certa forma organizado através campo temporal, nisso a aplicação dos recortes históricos se torna mais precisos quando voltado o discurso de existência do saber. Por isso, Foucault faz um esboço de uma nova concepção de temporalidade:

Para Foucault, o campo epistemológico indica a relação entre os saberes - a Economia, a Biologia, a Filosofia possuem uma identidade: todos se relacionam em um único campo. O pensamento contemporâneo começa a esboçar essa identidade referida por Foucault, na medida em que surge uma nova concepção de tempo (BARBOSA, 1995, p. 114).

A formação discursiva é demarcada pelo aspecto temporal, demarcada pela flexibilidade de coexistência interligada entre o tempo presente e o recorte temporal. A

história não afeta a arqueologia, pois é possível dar uma interpretação da própria história, e o meio discursivo tem esta estabilidade de definir e representar e suscitar saberes passados, soterrados, possibilitando uma transformação, a partir de acontecimentos passados. É possível definir que:

A arqueologia define regras de formação de um conjunto de enunciados. Manifesta, assim, como uma sucessão de acontecimentos pode, na própria ordem em que se apresenta, tornar-se objeto de discurso, ser registrada, descrita, explicada, receber elaboração em conceitos de dar a oportunidade de uma escolha teórica. A arqueologia analisa o grau e a forma de permeabilidade de um discurso: apresenta o princípio de sua articulação com uma cadeia de acontecimentos sucessivos; define os operadores pelos quais os acontecimentos se transcrevem nos enunciados (FOUCAULT, 2008, p. 189).

O tempo na arqueologia serve como um meio específico de transformar os acontecimentos da história no nível da positividade, através de uma ordem definida não por uma padronização lógica, mas por um campo de domínio que já se tem o conhecimento através das organizações do espaço e o de referência. A arqueologia exerce esse domínio através dos discursos, e pode considerar as instituições como fontes de positividade, pois, é um campo que pode ser exemplificado dentro do contexto que é revelado na temporalidade. O tema da revolução francesa, por exemplo, que teve seu início dos séculos XVII e ganhou roupagem no século XVIII, é considerado um ápice dos nascimentos das positivities, ao menos no que se subteme como o período em que as instituições ganharam roupagem no que condiz ao conhecimento.

Um ponto a se analisar é o caráter temporal que a arqueologia tem como manejo e dominação dos âmbitos do conhecimento, caracterizado por transformações, ou seja, movimento determinado como algo que não é estagnado, e nem possui uma continuidade, mas revela-se nas transformações, que apenas podem ser identificadas através dos arquivos que são de manejo discursivo. Nisso, Castro afirma que:

A arqueologia, nesse sentido, quer romper com a história, linear, progressiva, unitária, totalizante de uma razão que, desde a sua origem, se encaminha para o seu acabamento na forma da realização. [...] Em um primeiro momento, na *L'archéologie du savoir*, Foucault estabelece os critérios do trabalho para uma história concebida segundo o modelo de análise discursiva (CASTRO, 2016, p. 204).

A temporalidade definida por este método arqueológico possui estima de dominações de saberes que perpassaram gerações, levando a uma transformação mais caracterizada, como o nascimento das instituições e os saberes que se transformaram sendo assim revelados pela performance discursiva. “Em vez de invocar a força viva da mudança, ou lhe procurar a causas, a arqueologia tenta estabelecer o sistema de transformações em que consiste a ‘mudança’; tenta elaborar essa noção vazia e abstrata para dar-lhe o *status* analisável da transformação” (FOUCAULT, 2008, p. 194). No entanto, este sistema de transformação basicamente se desenvolve por medida de transformações (uma passagem de um conhecimento para outro mais aprimorado), como a passagem do pensamento do geocêntrico para o heliocêntrico. Mas fica a considerar que:

A arqueologia desarticula a sincronia dos cortes, como teria desfeito a unidade abstrata da mudança e do acontecimento. A época não é nem a sua unidade de base, nem seu horizonte, nem seu objeto; se fala sobre ela, é sempre a propósito de práticas discursivas determinadas e como resultados de suas análises. A época clássica, que foi frequentemente mencionada nas análises arqueológicas, não é uma figura temporal que impõe a sua unidade e sua forma vazia a todos os discursos; é o nome que se pode dar a um emaranhado de continuidades e descontinuidades, de modificações internas às positivities, de formação discursivas que aparecem. Da mesma forma, a ruptura não é, para a arqueologia, o ponto de apoio de suas análises, o limite que ela mostra de longe, sem poder determiná-lo nem dar uma especificidade: a ruptura é o nome dado às transformações que se referem ao regime geral de uma ou várias formações discursivas (FOUCAULT, 2008, p. 198).

A análise do saber é formada por uma descontinuidade, de forma que possibilita a compreensão de que o pensamento não precisa de um contexto histórico ou de recorte, porém, a demarcação histórica e a materialidade enunciativa são necessárias para melhor entender o método arqueológico, pois todo o complexo arqueológico tem como princípio o enunciado e o discurso, assim como o tempo. Portanto, é possível compreender que necessariamente não precise da demarcação temporal, mas possui sua finalidade dentro do campo dos discursos, assim não havendo uma continuidade obrigatoriamente necessária, diferente dos linguistas, podemos identificar o período através do discurso, embora por alguma ocasião seja de conhecimento prévio. Para a visão do desenvolvimento da arqueologia do saber, o problema da descontinuidade é substancial para o campo discursivo das ideias.

4.5 A arqueologia e os conflitos dos saberes

A arqueologia, como bem fundamentada por Foucault, é elucidada através de pensamentos que têm um embasamento epistemológico. Até então, na obra de 1969, é discutido e aprofundado os meios de se chegar a uma conclusão sobre os saberes existentes. Assim, entende-se que os saberes das várias áreas são elevadas a um nível de transformação, mas nem sempre isso acontece, pois os saberes estão em combate, um contra o outro, para ser determinado qual sobrevive aos procedimentos encontrados na temporalidade. Por este motivo é que é através dos conflitos dos saberes que se gera uma nova denominação, conhecida como genealogia, onde expressivamente o saber se personifica no poder. Características como o *status* são interstícios desses poderes implementados na sociedade, e por este motivo chega-se à conclusão deste tópico: ou como afirma Francis Bacon em sua máxima, saber é poder.

4.5.1 A arqueologia e o saber

Através da estrutura analisada e percorrida até aqui sobre a constituição de uma arqueologia do saber, é possível perceber que a presença do poder se torna, mas inerente ao texto, por isso a definição que Foucault a define para esse poder é genealogia, mas para chegar a genealogia é preciso passar pelo o campo do saber, Foucault na obra de 1969, foca com maior evidencia o campo do discurso, não somente na relação enunciativa, mas também nas relações de poder encontrado na obra. Com isso, os conjuntos de discurso é compreendido como:

Conjunto de elementos, formado de maneira regular por uma prática discursiva e indispensável à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar *saber*. Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico; um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso [...] os territórios arqueológicos podem atravessar textos “literários” ou “filosóficos”, bem como textos científicos. O saber não está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas (FOUCAULT, 2008, p. 204-205).

Os saberes em consideração à arqueologia estão intrinsecamente interligados ao discurso, meio de domínio que flui por todos os campos epistêmicos como mecanismo de identificação, especificação, significação, análise etc., onde podemos entender o discurso como este mecanismo apropriado para a desenvoltura de conceito. No entanto, dentro de uma sociedade, os mecanismos de conhecimento deste saber são desenvolvidos de forma clara e reta.

Quando se pensam estes mecanismos de análise do discurso à luz da arqueologia foucaultiana, faz-se necessário compreender as regras de produção dos enunciados, o que se mostra como uma engrenagem que põe em curso os saberes, e que Foucault chama de práticas discursivas. Essas práticas em geral concorrem entre si, no sentido de produzirem verdades, mediante uma polarização ou uma relação de forças que evidenciam situações de poder, para efeito de sua predominância (TAVARES; CRUZ, 2019, p. 14).

Entretanto, quando se analisa a heterogeneidade do discurso definido em Foucault, limpidamente se define este termo em relação com discurso, pois, para uma performance discursiva, o mesmo não pode ser colocado ou definido em um senso comum, por exemplo: quando o discurso é proferido em uma comissão sobre a distribuição de doses de vacina contra a COVID-19; necessariamente, o discurso que é investigado é o discurso médico, porém não só este discurso que pode ser analisado dentro campo discursivo citado, pode entrar em análise o discurso político e o discurso econômico. Foucault afirma:

O que a arqueologia tenta descrever não é a ciência em sua estrutura específica, mas o domínio, bem diferente, do saber. Além disso, se ela se ocupa do saber em sua relação como as figuras epistemológicas e as ciências, pode, do mesmo modo, interrogar o saber em uma direção diferente e descrevê-lo em um outro feixe de relações. A orientação episteme foi a única explorada até aqui (FOUCAULT, 2008, p. 218).

Entendendo a arqueologia como meio de alcançar o saber, alcança-se outro objetivo, o poder presente nos discursos; nisso se firma este pensamento quando Tamara Bordin cita em seu artigo que “para ele (Foucault) o saber gera poder na pessoa que o legitima” (BORDIN, 2014, p. 229). Fica certo entender que a filosofia arqueológica de Foucault facilita as condições de adaptação das condições institucionais nos mais diversos contextos sociais.

4.5.2 A arqueologia e o poder

Como foi analisado e discutido sobre o saber arqueológico e deliberadamente o saber se interliga ao poder quando o discurso é proferido por alguém, habilitando o sujeito que profere o discurso em um poder. A produção dos saberes na sociedade é diversificada com os desafios implementados ou as crises que são enfrentadas, gerando uma imposição de poderes sobre a sociedade, e o meio do poder não é diferente do saber, pois, ambos se utilizam das performances discursivas para já a uma finalidade. Portanto surgiu o quesito, genealogia.

Quero dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem um corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionamento sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência (FOUCAULT, 2005, p. 179-180).

Neste sentido, o poder é encontrado na sociedade a princípio nos discursos daqueles que possui *status*, assim se torna perceptível as relações de poder aplicado na sociedade, sendo possível relacionar como forma de poder aplicado na sociedade, um exemplo desta aplicação na sociedade foi através do discurso medico que tratou da pandemia da COVID-19, que afetou a economia mundial e desestabilizou a governo, porém, em meio a tudo isso, o discurso de recomendações do uso da máscara e do distanciamento social, definido pela instituição OMS (Organização Mundial da Saúde), estabeleceu a possibilidade do uso do poder sobre a sociedade, e a título de lei o governo estipulou como uso obrigatório das máscaras em locais que possui aglomerações.

Foucault analisa genealogicamente a história da medicina, indagando as formas de poder que têm por alvo o sujeito. Assim, objetiva mostrar de que maneira as práticas sociais podem constituir domínios de saber, que fazem aparecer formas totalmente novas de sujeito e de sujeitos de conhecimentos [...] (BRAATZ; KRAEMER, 2011, p. 10).

O discurso tem esta capacidade de habilitar o método genealógico que está inserido dentro do contexto da história da política, mas sempre em relação como o saber,

pois ambas não podem trilhar esse caminho de forma separa, como afirma Foucault, “o exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder. [...] Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder” (FOUCAULT, 2005, p. 142).

Semelhante o que Foucault afirma na obra, *a ordem do discurso*, quando afirma:

A vontade de verdade [...] apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como a pedagogia, é claro, como os sistemas dos livros, das edições, das bibliotecas [...] enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, tende a exercer sobre os outros discursos [...] (FOUCAULT, 2014, p. 16-17).

Enfim, este sistema de poder, está envolto em um domínio de saber que preponderantemente exerce em uma forma de interdição, na sociedade, assim compreende que o discurso em no meio social pode exercer tanto a função do saber arqueológico como o poder genealógico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é possível entender que o pensamento abordado por Michel Foucault nos garante a alegria de entender as categorias do saber em nossa sociedade, pois, “a análise do discurso como processo do saber na obra *“A arqueologia do saber”* em Michel Foucault”, nos motiva a entender que os saberes não são relações privadas de uma dada época, mas nos mostra que é possível identificar os saberes através da ordem da *episteme*, ou seja, os saberes não se concentra e se monopoliza em apenas a um campo social, mas se estabelece nos vários âmbitos institucional, e este saber se revelado através do discurso e estes permitir avaliar que nenhuma *episteme* se torna mais importante que a outra, como que uma época

Entende-se que cada saber discursivo enunciativo, em sua época é significativo e satisfatória, assim não havendo uma medida quantitativa dos saberes, não assemelhando os saberes propostos através dos discursos como uma teoria da evolução. No entanto, percebe-se que os saberes são difundidos na sociedade através dos discursos, e esses saberes que se apresenta a partir do discurso, é considerado uma relação integrada nos poderes que são aplicados nos vários âmbitos da sociedade, e esse poderes gera saberes, pois, não se tem uma visão estática e absoluta que o saber se institui a uma classe, como o poder dado ao rei na idade média, pois se considerava um poder e um saber dado por Deus. Foucault produz todo um preâmbulo para chegar à definição que os saberes não são classificados como uma hierarquia, mas cada saber proferido é autêntico, por exemplo, o discurso proferido pelo presidente não é maior que o discurso de ordem desempenhado por um pai de família que estabelece regras em sua casa.

Ademais, o pensamento foucaultiano, a princípio tem uma gama muito extensa, que permitir nesta pesquisa uma continuidade no que condiz as formações discursos em uma arqueologia, pois, este pensamento abrange o campo do saber, do poder e da ética, pois são integralmente correlatos ao discurso. O método arqueológico surgiu para nos oferecer uma ótica social maleável e clara dos acontecimentos.

Enfim, esta pesquisa tem um papel importante em relação aos fatos hodiernos, pois, o pensamento foucaultiano visa clarear o que enxergamos em relação aos saberes postos na sociedade cotidianamente, a princípio visando esta época de crises mundialmente, o discurso é proferido, como meio viável de estabilizar o colapso ou em algumas situações, veículo para uma desestabilidade social como as fake News. Por isso, esta pesquisa favorece meios para compreender e analisar o discurso independente da

época vivida, nos interstícios dos discursos institucionais e outros saberes que podem ser encontrados em um nível enunciativo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem* - São Paulo: Parábola Editora, 2004.
- BARBOSA, E. Espaço-tempo e poder-saber. Uma nova epistême? (Foucault e Bachelard). *Tempo Social*, [S. l.], v. 7, n. 1/2, p. 111-120, 1995. DOI: 10.1590/ts.v7i1/2.85211. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/85211>.
- BORDIN, Tamara Maria. O saber e o poder: a contribuição de Michel Foucault. *Revista Saberes*, v.1, n.10, nov. 2014, p.225-235.
- BRAATZ, Jennifer Priscilla; KRAEMER, Celso. *A norma, o saber e o poder*. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Curitiba, 2011.
- CARLOS, Erenildo. Achados sobre a noção arqueológica do discurso em Foucault. *Revista Dialectus*. Dossiê Michel Foucault, ago. / dez. 2017, p. 176-191. DOI: 10.30611/2017n11id31008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/31008>.
- CASTRO, Edgardo. *O vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016
- LACLOS, Frédéric Fruteai. *Arqueologia*. Ed. *Mnemosine*, Vol. 11, nº1. 2015.
- FOUCAULT, Michel, *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao círculo de epistemologia. In: FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- _____. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciado em 02 de dezembro de 1970*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- MIRANDA, Sérgio Gomes. A análise arqueológica do discurso em Michel Foucault: por uma linguística do enunciado. *Revista de filosofia*, v.14, n.2, dezembro 2016.

PERENCINI, Tiago Brentam. O enunciado no pensamento arqueológico de Michel Foucault. *Kínesis*, Vol. VII, nº 15, dezembro 2015.

RAVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais / Judith Revel*. Tradução Maria do Rosario Gregolion – São Carlos: Claraluz, 2005.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia – vol.3 do Romantismo até nossos dias*. Ed. Paulos, 8º edição, 2007

ROUANET, Sergio P. *O homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault*. Entrevista com Michel Foucault. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

TAVARES, Regina Lucia Gonçalves; CRUZ, Mônica da Silva. *Foucault, a cidade e o discurso: o método arqueológico na pesquisa do discurso jurídico sobre a cidade*. Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM. v. 14, n. 1; 2019.

VANDRESEN, Daniel Salésio. Uma análise do discurso e do não-discurso na arqueologia de Michel Foucault. *Revista Aurora*, v. 7, n. 2, p.79-92, jan.-jun., 2014.